

AVISO AO USUÁRIO

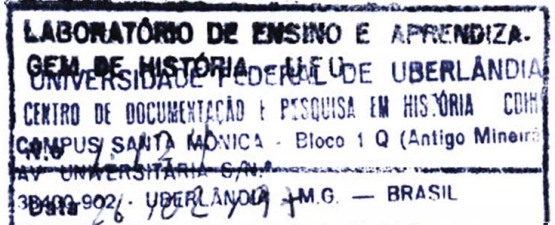
A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1983

PESQUISA SOBRE FAVELAMENTO E DESFAVELAMENTO



Universidade Federal de Uberlândia

Aluna- Genira Eudoxia coelho

Curso- História - Noturno

Professor- Antonio

Data- 31.01.90

19553

5.9
e

É duro ser favelado

Antônio Carlos Salés

Ser favelado é uma dureza. A maioria das pessoas pensa que quem mora em favela é bandido, marginal. O preconceito é tanto que, na opinião de quem está do lado de fora, até os nossos filhos não passam de trombadinhas. Nós, favelados, não somos tratados como seres humanos: somos como lixo, que tem que ser removido. Até parece que nós moramos em favela porque queremos, é não porque este é o único jeito que encontramos de levar a vida. Como se não bastasse tudo isso, vejamos as desgraças que acontecem nas favelas. São desmoronamentos, incêndios, enchentes, desastres que poderiam ser evitados se as autoridades tomassem providências.

Eu senti isso na minha própria pele. Morava na favela Nova República, em São Paulo, que foi destruída pelo desabamento de um aterro no dia 24 de outubro. Perdi minha mulher, Cristina, e meus dois filhos, Edvaldo, de 7 anos, e Cacao, de 2. Por uma dessas coincidências que não dá para explicar, depois da tragédia eu vim parar, com outros desabrigados, justamente na escola onde o meu menino mais velho estudava. Passo pela sala de aula dele e acho difícil acreditar que tudo isso aconteceu. Quando cheguei em casa, naquela noite horrível, não sobrava mais nada. Uma hora antes, eu tinha conversado com minha mulher por telefone, num orelhão comunitário da favela. Ela tinha me pedido para levar leite, maisena e uma misturinha para a janta. Parece que aconteceu há tanto tempo.

Nós morávamos há seis meses numa casinha de alvenaria. A casa era nossa, comprada com as economias de Cristina, que trabalhou muitos anos como funcionária administrativa da Telesp. Tinha três cômodos bem mobiliados, com televisão em cores, fogão, geladeira e box no banheiro. Eu sustentava a família com o salário do Hospital das Clínicas, onde trabalho há nove anos, atualmente como auxiliar de administração hospitalar. Ganho pouco: no meu último holerite, tirando os descontos, recebi 640 cruzados novos. Mas vivíamos razoavelmente bem. Dava para pagar até a perua da escola que vinha buscar meu filho.

Quando nós mudamos para a Nova República, fomos bem recebidos. Eu tinha amigos por lá, as pessoas eram muito unidas, todo mundo se conhecia. Se a minha mulher precisava de um pouco de açúcar, pedia à vizinha. Quando tinha aniversário de criança, nós juntávamos um dinheiro para comprar o bolo e fazer uma festa. Meu filho mais velho ia fazer aniversário no dia 25 de outubro, e a comemoração seria no fim de semana. No dia do desabamento, eu estava le-



"Os favelados não são tratados como seres humanos, mas como lixo que deve ser removido"

vando uns pirulitos, já pensando na festa. Edvaldo morreu na véspera.

Não sobrou nada da nossa casa. Cristina morreu abraçando o meu filho mais novo, enquanto segurava a mão do mais velho. Quando vi os corpos, desmaiei. Fiquei vários dias tomando calmantes. O pior de tudo é que todo mundo sabia que aquilo podia acontecer, mas ninguém fez nada. Os jornais já quase não falam no assunto, e os únicos que se lembram da tragédia são os candidatos à Presidência que estão explorando a situação para ganhar votos. Esse desastre deveria servir pelo menos como um alarme, um aviso. Em São Paulo tem muitas outras favelas em condições iguais ou piores que a Nova República que podem desabar a qualquer momento. Essa situação não pode continuar, alguém tem que fazer alguma coisa.

As pessoas também poderiam aprender uma outra lição com o desmoronamento da Nova República. Se as favelas são lugar de marginais, por

que só morreram mulheres e crianças? A resposta é simples: os homens estavam trabalhando e ainda não tinham chegado em casa. Eu também já senti esse preconceito bem de perto. No dia 14 de outubro, um carro da polícia parou perto da favela. Eu estava com um dos meninos no colo. Os policiais me mandaram pôr as mãos para o alto, só que se eu fizesse isso o menino ia cair no chão. Então eles me levaram preso, depois de xingarem e agredirem minha mulher.

Fui levado para um terreno baldio ali perto, espancado e depois largado num hospital do Morumbi. Quando me batiam, os policiais gritavam: "Favelado é tudo igual, é tudo bandido". Fiquei inchado, cheio de hematomas e precisei tirar licença médica. Fui ameaçado. Se eu denunciasses os policiais, eles matariam minha família. Agora que todos já morreram, não tenho nada a perder. Por isso conto essa história.

Agora a minha vida continua. Vou morar numa casa num conjunto da Cohab, doada pela prefeitura. Quem sabe, mais tarde, vou poder formar uma nova família. Em outros momentos difíceis da minha vida, a Cristina sempre me dizia para não abaixar a cabeça e ficar firme. Acho que ela me diria a mesma coisa agora, se estivesse viva. É por ela que eu estou levantando a cabeça e tentando recomeçar. Só que desta vez vai ser muito mais difícil. Minha mulher não está mais comigo. E, nessa história toda, uma parte de mim também morreu.

Antônio Carlos Salés é funcionário do Hospital das Clínicas de São Paulo

INTRODUÇÃO

Tanto em Uberlândia quanto em outros lugares, os problemas trazidos pela urbanização das cidades vem se tornando extremamente sério, uma vez que com ela, temos também um alto crescimento da população como um todo, gerando assim uma falta de habitação para as pessoas, que acabam sendo conduzidas para as favelas locais.

A urbanização vem ocorrendo como consequência de um progresso. Com ele as pessoas acabam se deslocando do campo, por exemplo, para as cidades, devido aos inúmeros atrativos oferecidos por esta. Nas grandes metrópoles o ser humano encontra maneiras de se informar mais à cerca de tudo aquilo que o rodeia, podendo assim adquirir uma bagagem maior de cultura.

Partindo-se do pressuposto de que quem tem uma formação maior, pode exigir mais de um governo, que não vem atendendo de espécie alguma às reivindicações da classe trabalhadora, por que então não usufruir desse privilégio encontrado nas cidades, e não lutarmos por condições melhores de vida dentro desse espaço urbano. Isto porque com a urbanização que vem ocorrendo de ponta a ponta em todos os locais, temos também um crescimento cada vez maior com relação à população, que logicamente irá precisar se alimentar, vestir, calçar, educar-se e ter um local para morar. Com tudo isso acontecendo, os grandes centros não conseguem mais dar conta de todos os problemas que isso implica.

Com o crescimento populacional aliado aos problemas advindos da urbanização, temos paralelamente uma grave crise com relação a habitação. Nem todas as pessoas conseguem mais pagar um aluguel e comprar uma casa, então está fora dos planos de qualquer trabalhador, à menos que sejam residências financiadas pelo poder público, que por sua vez irá contratar um técnico que atenda aos seus interesses. Partindo desse pressuposto, constroem-se inúmeras casas que dão conta apenas das necessidades visadas pela classe

burguesa, ou seja, financiadas pelo BNH, feitas com material de baixa qualidade, longe dos centros urbanos, para afastar ainda mais aquelas pessoas que não correspondem á uma imagem progressista de nossa cidade.

Nas favelas que cercam nossa cidade, de acôrdo com os conceitos ditados pela nossa burguesia local, moram pequenos marginais, assaltantes, ladrões, pessoas que não gostam de trabalhar, que preferem viver da caridade de outras, só que na verdade a história é bem outra, pois, nas favelas vivem seres racionais, que não têm como pagar um aluguel, são trabalhadores, que não conseguem colocar dentro de casa nem o essencial para sua sobrevivência, ou seja, sua alimentação, tendo assim que usufruir das ínfimas condições oferecidas pela favela para terem uma espécie de teto onde se abrigarem.

Nas favelas as pessoas não possuem muita privacidade, pois, tem que dividir banheiros, locais para se lavar roupas, e tudo isso sem estrutura nenhuma. Nesses locais, onde residem as pessoas de baixa renda, elas são obrigadas a conviver com todos os tipos de seres humanos, com isso acabam por adquirir certos valores que antes não faziam parte de sua vida. Desse modo muitas vezes terminam por entrar em contradição consigo mesmo, buscando talvez formas alternativas de sobreviver que não condizem com as normas ditadas pela sociedade brasileira, e que também não faziam parte de sua formação.

Muitas favelas encontram-se em beiradas de rios, sem estrutura alguma, sem o menor conforto e muito menos segurança, isso sem contar que estão á mercê do poder público, ue pode muito bem desalojá-los a qualquer momento, alegando que estão invadindo uma propriedade privada. Seus moradores não podem usufruir dos privilégios fornecidos pelo capital, pois, estes encontram-se funcionando tão mal, que antes estivessem atuando, ou melhor, não estivessem atuando, como por exemplo, o transporte coletivo,

iluminação das ruas, um saneamento básico adequado, fornecimento de águas, e a justificativa para que tudo isso não esteja em atividade, é que o poder público não tem como manter todas essas 'despesas', cabendo assim ao trabalhador pagar para obter tais coisas.

O trabalhador que não tem mais um poder aquisitivo digno de mantê-lo, enquanto, ser vivo e pensante, acaba por ser conduzido às favelas. Isso porque o sistema não lhe propicia formas de manter todas aquelas despesas citadas no parágrafo anterior, vendo-se assim obrigado a abrir mão de morar numa casa decente e ao, mesmo tempo viver bem, ou seja, ter direito a tudo aquilo que a classe burguesa consegue propiciar a si mesma. O operário que vive nas favelas, tem que esquecer de certas diversões, que antes conseguia usufruir. Não pode pensar em ir a um cinema por exemplo, todo final de semana, pois, as suas condições econômicas não dão mais conta de tal coisa, isso passa então a ser uma espécie de artigo de luxo.

As favelas muitas vezes encontram-se junto aos centros das cidades, sendo portanto, considerada com um dano à imagem progressista das cidades. Partindo desse fato, o poder público começa a buscar justificativas que lhe possibilitem deslocar os favelados para as periferias das cidades. Alegam que a segurança da população destes locais não está sendo adequada, que estão marginalizados pela sociedade, por morarem em uma espécie de barraco de lona, plástico, latas, enfim, o que estiver mais à mão no momento.

O poder público precisa criar no favelado uma consciência que mostre a eles todas as ''boas ações'' que uma prefeitura está praticando, ao deslocarem-nos para outros locais onde eles construirão as casas, com um material fornecido pelo governo, que diga-se de passagem, são de muita baixa qualidade ou mesmo segurança.

Os técnicos do governo são pagos para dialogar com os favelados, mostrando a eles a importância de todas as decisões partirem deles, mas por outro, lado, esquecem de mostrar também o quanto tudo aquilo está beneficiando, o sistema como um todo. Seria preciso que este trabalhador tivesse noção do quanto a sua presença é importante para manter o sistema em que vive, e questioná-lo cada vez mais, obrigando-o a atender as suas necessidades de formas reais, sem manipula-los de acordo com suas vontades.

O governo procura solucionar o problema dos favelados, deslocando-os para às margens da cidade, financiando suas moradias, mas dando a eles também um transporte coletivo ineficiente, escolas que não conseguem funcionar de maneira correta, não tem atendimento hospitalar, um saneamento básico eficiente, então já que não pode propiciar nem a metade do que promete, porque não dar ao favelado condições para que ele mesmo escolha onde quer morar e construa uma casa que atenda a sua realidade.

Nas favelas os trabalhadores são tidos como pessoas que não merecem confiança, mas ninguém preocupa-se em procurar os motivos que os levaram a viver nesses locais, pois, muitas vezes é mais fácil fechar os olhos e fingir que nada está acontecendo em nossa vizinhança, perto de nossos familiares. Estamos ficando muito individualistas, e usamos sempre como desculpa para agirmos de tal maneira, que a culpa de tudo é da sociedade em que vivemos, pois, ela dita as regras, só que nos esquecemos que estas também podem ser quebradas, temos todo o direito de discordar, pensar diferente. Porque temos, então que ser manipulados por outros, podemos muito bem ser nós mesmos, e criarmos todo um código de vida que seja nosso, que atenda as nossas expectativas, pois, dessa forma pensaríamos duas vezes antes de reproduzir todo um discurso preconceituoso a respeito das favelas, por exemplo, não teríamos que repetir as idéias que nos são impostas, sem antes conhecer a realidade de cada um.

No texto que se segue, são mostrados os motivos que levam os trabalhadores a morarem nas favelas, quais as vantagens de fixar residência ali se é que existe alguma, o que esses operários estão fazendo para modificar essa situação. E ao mesmo tempo é colocado também as maneiras encontradas pelo poder público, para deslocar esse aglomerados de casas para a periferia dos centros urbanos. Mas tenta-se passar todas as dificuldades encontradas pelos favelados de permanecer por ali, não estando estes bairros (planejados por técnicos) atendendo as necessidades daquela população como um todo.

.1'

FAVELAMENTO

Com o desenvolvimento da urbanização, veio junto a expansão das condições de escoamento e acesso de matérias-primas para a classe trabalhadora, aumentando assim o poder aquisitivo da mesma. Criaram-se escolas técnicas e instituições sociais, que mantivessem um controle sobre a classe de baixa renda, pois, manipulando dessa forma todo um grupo de pessoas, seria mais fácil colocar uma máscara na realidade, já que era mais conveniente para o sistema capitalista organizar grandes centros urbanos do que admitir os problemas que vinham se acumulando diariamente. Com o passar do tempo, aliada a burguesia urbana começam a ocorrer as grandes apropriações do espaço urbano, que teriam como objetivo a propriedade privada e os lucros oriundos dela. Os prósperos empresários passam então a lotear enormes áreas, usando o poder público para construção de grandes obras que beneficiassem os bairros e loteamentos de sua propriedade, valorizando-os cada vez mais, não dando condições à classe trabalhadora de ter acesso a essas moradias.

Com a aquisição da propriedade privada pelos grandes empresários, nos centros urbanos, a classe burguesa encontra mais um meio de investir seu capital, pois, estes terrenos são transformados em mercadorias e comercializadas, uma vez que estas se tornam uma fonte de renda para quem

os detêm, sejam eles proprietário de imóveis ou empresários do ramo. Com o desenvolvimento capitalista das cidades, a especulação, em torno da compra e venda, de imóveis passa a ser privilégio dos detentores de um maior poder econômico.

Com o crescimento, desenvolvimento das cidades, os espaços próximos aos grandes centros começam a ser preenchidos, não sobrando para o trabalhador um local a que ele possa ter acesso, ou comprá-lo, pois, com a especulação em torno dos imóveis, o preço exigido por um deles é alto demais, para poder ser adquirido por um operário, que ganha um salário mínimo. Quando eles chegam a comprar um desses loteamentos, estes são financiados por órgãos do poder público.

Com o baixo poder aquisitivo da classe operária, eles começam a serem empurrados para a periferia da cidade, pois, não conseguem mais pagar um aluguel para morar próximo aos centros, sendo então jogados para áreas distantes de seus locais de trabalho. Por outro lado, atraídos pelo valor que gira em torno dos terrenos, os pobres operários começam a vender seus imóveis, recriando-se assim os espaços das cidades, que são comprados pelos grandes industriais, formando com isso um círculo vicioso, que traz como resultado para a classe proletária um grave problema de habitação,

Com o problema da falta de moradia vindo à tona, o poder público começa a buscar formas de resolver este impasse, para tanto, são criados projetos que têm como objetivo a construção de conjuntos habitacionais. Esses programas são ideologicamente pensados de acordo com os padrões da burguesia, ou seja, eles não pretendem investir tanto numa classe que não lhe dará um retorno muito seguro, usando desse modo um material de baixa qualidade, uma mão-de-obra não especializada, ocorrendo então,

problemas de toda a ordem, tais como, infiltrações, destelhamento, rachaduras, etc, contudo , essas são soluções imediatas, que não conseguem ' dar conta de uma crise a longo prazo, já que a questão habitacional, não encontra-se isolada do contexto social.

O governo em certas épocas, devido a urbanização, procurava investir mais nas grandes indústrias , á medida que estas propiciavam um lucro maior para o sistema, fazendo assim com que a crise de habitação perdesse espaço para as indústrias, mesmo porque o Estado nada mais era que um ponto de apoio para os proprietários dos meios de produção, embora sempre tentasse passar a idéia de que estava acima das classes sociais como um todo.

" ... a idéia do Estado tradicional era uma idéia de que o Estado aparecia como um agente acima das classes como alguém que coordenava, que dirigia, normalizava os conflitos, de repente o Estado entra em cena como um agente social, na medida em que estava sendo um Estado autopolitário e aparecia como uma proposta comprometida com determinados interesses. " (1)

Para que se possa propiciar ao trabalhador uma moradia decente, mesmo diante de todos os conflitos advindos com o desenvolvimento da urbanização, os operários devem procurar formas que reproduzam o capital como um todo, já que só assim poderiam adquirir um poder aquisitivo maior, pois, uma coisa encontra-se vinculada á outra. A fim de que possa haver essa acumulação de riqueza, precisa-se de uma população pre-

disposta a trabalhar para as grandes indústrias. Com essa finalidade faz-se presente a real necessidade de equipamentos e infra-estrutura que deveria ser fornecida pelo Estado, mas este não pode fazer isso, já que atende somente aos interesses de uma dada classe social. Enfim, a solução para o problema de moradias; não encontra-se somente uma separação entre a indústria e a habitação como foi mostrado antes, mas sim na vinculação das duas coisas, pois, tanto os operários precisam de serviço, quanto os grandes produtores tem que se apoiar no proletariado para reproduzir seus bens.

"... não se trata simplesmente de uma organização racional de alocar recursos, de alocar melhor o espaço da indústria em relação ao espaço da habitação, mas trata-se fundamentalmente da contradição de interesses conflitantes, que estão articulados á natureza das relações sociais de produção. " (2)

..'

A urbanização trás como um de seus aspectos negativos, a falta de moradias, como foi mostrado ainda á pouco, mas acabar por aumentar também o número de favelas existentes, portanto, com as crises sociais, estas acabam por se proliferarem, expandindo assim as periferias de maneira geral.

No campo, por exemplo, começa a ocorrer uma migração rural - urbana, onde a valorização das terras, com o incentivo da tecno-

nologia, acaba por criar condições para que o homem da zona rural termine por investir mais nas culturas de exportação, produzindo dessa maneira profundas mudanças nas relações de trabalho que levam o camponês para as cidades em busca de melhores remunerações e muitas vezes com o intuito de voltar e adquirir um pedaço de chão para si,

O homem do campo chega às cidades com o intuito de melhorar suas condições de vida, mas nem sempre consegue se integrar ao terrível ritmo das áreas urbanas, encontrando dessa forma dificuldades para continuar se mantendo, uma vez que o capital que ele trouxe é suficiente para sua manutenção durante um período muito longo, À medida que os problemas vão crescendo, o camponês, começa a ser conduzido em direção das favelas, reduzindo assim as suas despesas. Com isso ele pode continuar usando de seus velhos costumes, como, cozinhar no fogão á lenha, viver á luz de lamparinas, e assim diminuir os custos de sua sobrevivência.

As empresas capitalistas que têm como objetivo a obtenção de lucros e nada mais, vive da exploração de seus empregados, sugando deles tudo o, que pode, usufruindo de sua jornada de trabalho global e pagando a ele por uma jornada de serviço individual. Os empregadores vêm achatando maciçamente os salários de seus funcionários, fazendo assim com que não tenham outra saída , senão mudarem-se para grandes favelas, que encontram-se próximas aos centros urbanos,

Os operários que nada mais são que vítimas desse capitalismo selvagem em que vivemos, passam a morar nas favelas, não pagando com isso aluguel, tornando-se assim, mais barato para ele, pois, não têm que arcar com impostos sob hipótese alguma, não precisam de ônibus na

maioria das vezes, devido á proximidade dos centros urbanos , ou ficam perto de seus locais de trabalho. Esses favelados, embora sejam também; um mercado consumidor para o sistema já que tem necessidades básicas para serem satisfeitas, não podem ter para si a responsabilidade de arcar com as despesas de transporte, saúde, habitação, enfim, com o avanço do capital, eles são impedidos de continuar reproduzindo tudo isso.

Nas favelas , na maioria das vezes, existem pessoas que sabem muito bem o que querem, e têm consciência de sua importancia dentro do sistema capitalista, isto, porque muitos individuos pertencentes á classe burguesa tentam sempre passar a idéia de que eles não sabem o que é melhor para si mesmo. Este é mais um engano cometido pela nossa sociedade, já que estes favelados são trabalhadores, que possuem suas próprias necessidades, tradições, hábitos, costumes, culturas, não precisando assim ser manipulado por ninguém.

É nas favelas que muitas vezes se vê realmente a miséria de perto, sem nenhuma máscara, pois, as pessoas que moram ali são transparentes, muitos não têm medo de colocar em palavras toda a sua insatisfação com relação ao sistema de governo, expondo a necessidade de se urbanizar também o local onde moram, contudo, os indivíduos que vão lá para conversar com eles, e que fazem parte do poder público, nem sempre têm como ou mesmo não se interessam de verdade em ver essa possibilidade, já que o Estado, acaba sempre deslocando-os de lugar, tirando-os do centro da cidade e jogando-os para a periferia, sem sequer ajudar de verdade os seres humanos que residem ali.

O Estado com todo o seu planejamento urbano, apesar de ter consciência dos problemas gerados nas favelas, ou seja, conflitos de classe que permeiam as relações entre estes e o resto da sociedade, não consegue ou não quer de repente ver que a cidade vem crescendo e com isso o número de favelados está aumentando, levando assim esses indivíduos para as periferias, onde muitos começam a sub-alugar metade de suas residências, comercializando bebidas, enfim, procuram se manter vivos de alguma forma, só que à medida que isso vem ocorrendo a desorganização vai-se infiltrando no seio dessas comunidades, resultando daí grandes confusões, que nem sempre trazem boas ações, mesmo porque existem aqueles seres humanos que estão por ali por não terem onde morar, eles não tiveram como optar, o que lhes apareceu foi uma dada realidade pronta e acabada que não havia como mudar, ou mesmo negá-la.

Junto à ampliação da área útil das cidades, começam também as contradições sociais, fazendo com que as favelas se proliferem, iniciando um crescimento ainda maior das periferias. A crise urbana acompanha o desenvolvimento do capitalismo, ou seja, o avanço da tecnologia, levando a uma expansão industrial, que necessitará de número maior de mão-de-obra para explorar e possibilitar a eles um lucro cada vez melhor, enquanto, que o operariado terá seus salários reduzidos deixando numa situação cada vez mais nítida de empobrecimento.

Com a urbanização iniciam-se algumas manifestações sociais, onde os trabalhadores, já saturados de sua miséria, passam a lutar por seus direitos, procurando oferecer uma espécie de resistência ao sistema como um todo, para isso eles passam a promover passeatas,

reuniões de classe, quebra-quebra, outros são levados a optarem pelo crime, são maneiras que cada um deles encontrou de sobreviver. Contudo, o, Estado' passa a intervir nessas situações, tentando organizar o caos em que se encontram as cidades, reafirmando ainda mais a sua postura junto a classe patronal e fazendo com que se acelerasse a miséria do proletariado, que por' sua vez é induzido a terminar seus dias em favelas, morando nas periferias.

— X —

(1) Azael Rangel Camargo - Passa-se uma Casa - Análise do, Programa de Remoção de Favelas no Rio de Janeiro .- pg. 131

(2) = Idem Citação nº 61 - pg. 137

DESFAVELAMENTO

Os favelados de um modo geral, acabam se tornando um grave transtorno para o poder público, na medida em que descaracterizam o centro das cidades, que são tidas como progressistas, como é o caso de Uberlândia; onde não existiam problemas com mendigos nas ruas, pedidores de esmolas deitados nas calçadas, um número inexpressivo de assaltos ou crimes cujo resultado seria a morte de muitas pessoas. Tudo isso leva a cidade a se tornar muito mais atrativa para as grandes empresas, que acabam por investir seu capital num local onde o lucro será maior. Dessa forma, como manter nos bairros melhores situados ou às suas margens, favelas que são vistas de maneira preconceituosa pela sociedade capitalista, sendo local de abrigo á marginais, mão-de-obra ociosa, prostitutas, enfim, uma visão completamente distorcida da realidade desses indivíduos. Além disso, estariam esse focos de desempregados, destruindo uma imagem criada e manipulada por pequenos burgueses, que nada mais querem a não ser, suprir suas próprias necessidades.

Para se retirar as favelas do centro das cidades, o poder público contrata técnicos para projetarem um bairro que estaria sempre localizado nas periferias, longe das zonas comerciais, geradoras de riqueza, a fim de não macular a imagem da cidade. Esses técnicos, são na maioria das vezes, de classe social distinta, que possuem valores cul

turais e morais diferentes, que nada tem a ver com a realidade dos moradores daquelas casas precárias projetadas por eles.

Esse deslocamento das favelas é feito através de planejamentos que visam os interesses de quem os está produzindo e também para aqueles que estão subsidiando a construção de novas casas para os favelados. Os técnicos em questão, não estão preocupados em atender as necessidades reais de cada cidadão. Pode ser até que, na época em que idealizou seu trabalho, estes procurassem sanar os problemas existentes, só que a longo prazo, isso se torna inviável, uma vez que começam a surgir problemas de origem diversas, pois, com a tendência de aumentar cada vez mais o número de pessoas nesses núcleos, o crescimento da cidade, os impele cada vez mais para a periferia.

Ao preocupar-se com o deslocamento das favelas, através de projetos de moradias populares, o poder público aliado ao empresariado propõe determinados caminhos que se pensados sob a ótica do favelado, chegaria-se a conclusão de que devia-se preocupar, ou melhor, procurar outras formas de sanar o problema da habitação. Isto porque o resultado da falta de casas ou recursos, não são únicos, pois, o crescimento das cidades, acarretam vários problemas socio-econômicos que precisam serem estudados.

As pessoas que moram em favelas, têm uma concepção de vida própria, onde não há espaço para a reprodução dos valores da burguesia, mesmo porque eles não possuem condições de terem acesso aos privilégios que o capital propicia; uma boa educação, alimentação adequada, roupas e outros produtos que transformam a aparência das pessoas, além de não possuírem consigo formas de desenvolver sua cultura.

Os favelados veêm-se deslocados para outros locais, não conseguindo usufruir das coisas que o capital julga boas. Elès são transferidos de bairro, mas levam consigo uma carga de preconceitos, dentro ' deles mesmos. Adquirem casas novas, que são, projetadas de acordo com o interesse de outros. Ao tomarem posse de sua propriedade, transformam ' suas casas em uma outra favela, destruindo as paredes, quebrando piscas, fazendo as salas de quartos, porque a construção não, foi planejada para atender plenamente as suas necessidades reais.

As favelas deslocadas, não oferecem aos seus moradores ' condições para que reformulem suas vidas. Não contam com um tratamento ' hospitalar e dentário perto de suas residencias, dificultando um tratamento adequado. As escolas, encontram-se nas imediações dos bairros, só que nem sempre possuem recursos para realizarem um bom trabalho educa- ' cional com as crianças, pois, nem sempre o material pedagogico é sufi- ' ciente, e os alunos geralmente encontram-se desnutridos por falta de ali- mentação adequada, fazendo com que o rendimento dos estudos sejam bai- ' xos. Isso, torna o ensino lento e precário.

O poder público acaba com as favelas , colocando os mora- ' dores em outros locais, financiando suas casas, dando a eles um abrigo ' melhor para morarem, mãs não arcam com as despesas que isso envolve, co- mo água, luz, asfalto, transporte, etc. Os habitantes da periferia, são consumidores em potencial para aqueles que os marginalizaram. O sistema, não propicia a esses individuos, condições para que eles contribuam com sua reprodução. Além das grandes empresas ou mesmo o governo não se preo- ' cuparem em dar ccnta de todas essas necessidades de uma periferia que ' foi construída por ambos, pois, só o, que lhes importa, são os lucros e a ' acumulação de capital,

As favelas são vistas, como verdadeiras invasões de propriedade, que possuem uma precária infra-estrutura, mas não pagam por ela, fazendo com que o Estado, tenha que arcar com essa despesa. Eles brigam para continuar onde estão, pois, não tem condições de fazer com que isso acabe. Em contrapartida, quando lhe oferecem uma chance de sair dali, uma das primeiras coisas que querem assegurar, é o direito à propriedade, para terem certeza de que não serão desalojados novamente, ou poderem fazer de suas terras o que bem entenderem, sem ter que dar satisfação a ninguém dos seus atos.

CONCLUSÃO

A crise nas cidades é um problema permanente , onde a cada salto tecnológico que vem propiciar o desenvolvimento do capitalismo, agrava ainda mais a situação do trabalhador, pois, nesse momento ele está sendo explorado, embora, continue favorecendo a acumulação de riquezas para a classe burguesa.

Com o processo de urbanização ganhando espaço, vão-se acumulando as insatisfações da população, já que esta não encontra apoio nenhum no Estado, que tem suas decisões aliadas ao poder da classe dominante, fazendo assim com que o proletariado não tenha muitas opções a respeito dos caminhos a serem percorridos. Ele tem plena consciência da exploração á qual é submetido , mas por outro lado, precisa comer e manter seus familiares, não restando dessa forma outra solução a não ser vender sua força de trabalho no mercado .

Partindo do principio de que mesmo trabalhando, não se tem condições de pagar um aluguel e arcar com todas as outras despesas, que nada mais são que uma maneira da classe dominante manter seu poder e controlar os demais, não restando outra saída ao operário a não ser fazer parte das inúmeras favelas que existem em nossa cidade.

O Estado, passa a ser precionado pelos grandes empresários, que têm como objetivo resguardar a imagem da cidade, pois, ela é o cartão de visitas para seus negócios, fazendo então com que o governo comece a tomar providências para desfazer as favelas, não importando o rumo que estas vão tomar, mas é essencial que sejam deslocadas para as periferias, onde devem ser colocados aqueles seres humanos que não conseguem se integrar ao sistema.

Embora as pessoas que fazem parte das favelas sejam consideradas também como um mercado consumidor em potencial, não se tem muitas preocupações em dar a eles condições de continuar sobrevivendo, já que corre-se o risco de que venham a lutar ainda mais por seus direitos e ofereçam uma resistência ainda maior ao sistema. Por outro lado, é interessante para os patrões mantê-los em seus estabelecimentos, pois, é uma maneira de fazer com que eles reproduzam seus valores e mantenham-se disciplinados, fazendo com que estes não se tornem pessoas ociosas, oferecendo riscos de destruir toda organização e controle exercido sobre os trabalhadores.

Será que as favelas são realmente um problema, e para quem elas constituem-se num problema? Para os respeitáveis cidadãos de nossa sociedade? Para sua consciência? Ou porque prejudicam a imagem das cidades progressistas que eles idealizaram ?

BIBLIOGRAFIA

GIACCOMINI, Mara Rita - Trabalho Social em Favela - O método da
Condivisão -Cortez Editora -SP - 1987.

RODRIGUES, Arlete Moisés - Moradia nas Cidades Brasileiras - E-
ditora Contexto - SP - 1989.

Observação- foram usados também vários textos sobre urbanização
de maneira geral. E também revistas Veja.